

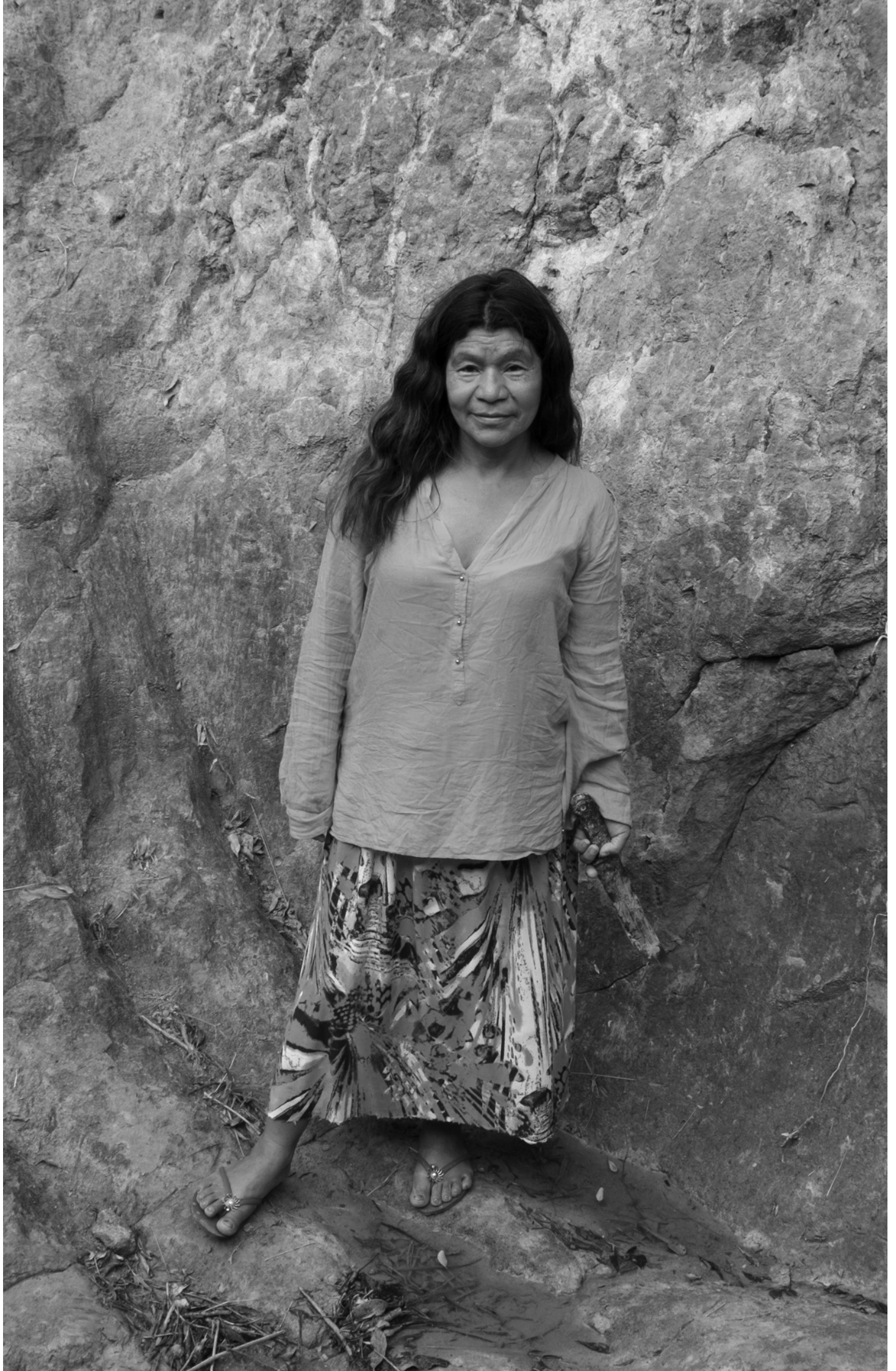


KEREXU

JERA

POTY

TERRA GERA FLOR



Principiemos escrevendo a palavra tekoá.

Pronunciemos agora, do modo como a escutamos: tekuo'á.

Essa palavra, em sua origem, foi falada.

Escrita só foi muito mais tarde. Tekuo'á soou por estas terras antes da palavra América e antes da palavra Brasil. América e Brasil vieram, portanto, depois.

A chegada da palavra Brasil quase conseguiu calar o dizer que aqui havia. Quase.

Pronunciemos então novamente tekô'á para que ela ecoe em sua origem de oralidade e não de grafia.

Mas o que é um tekoá? Não estaríamos equivocados se afirmássemos que tekoá é o modo guarani de escutar o audível e de ver o visível, de escutar o inaudível e de ver o invisível. É um modo de ser (tekó), um território ligado a epistemologias, cosmovisões, mitos, a um modo de habitar específicos.

O material que aqui apresentamos se origina de um relacionamento com o tekoá mbya-guarani por meio da prática cerâmica. Ele é fruto de uma pesquisa iniciada há dez anos, de um estar juntos em uma caminhada feita de

palavras, escutas, olhares, silêncios, cantos, pensamentos, dúvidas, comidas, banhos de açude e carros atolados para citar apenas alguns pontos, afora os risos, as preocupações e as saudades.

Poderíamos dizer que, em um amplo sentido, esse material tem permitido gerar um território compartilhado entre mbyas e juruas - em movimento. Nessa caminhada, há seis anos, tivemos um encontro fundamental com Kerexu (Antônia), indígena pertencente ao grupo mbya-guarani e que vive na terra Nhu'ú Poty (Flor do Campo), em Barra do Ribeiro, RS, mantendo em seu cotidiano a atividade cerâmica.

No fazer cerâmico de Kerexu, diferentes gerações se encontram e participam: sua mãe, irmã e sobrinhas. Nessas práticas as crianças estão sempre próximas. Na cerâmica feita por Kerexu e sua família circulam saberes e formas preservadas em práticas fundadas na tradição de seu grupo. São repetidos gestos ancestrais: coletar a argila molhada, secar, refinar, peneirar, voltar a molhar o barro, amassar, modelar, o secar novamente, eventualmente pintar, sempre queimar. Passa-se muito tempo polindo, desbastando, refinando, olhando, avaliando.

Não há pressa em terminar uma peça. Talvez por isso a atividade pareça atuar como um fluxo pelo qual percorre o tempo, mais do que nele ocorrer. Há repetição, estabilidade, mas também pequenas variações nas formas que surgem. Formas que abrigam com cuidado algo que é gerado de modo individual-coletivo, sem que haja dualidade ou contradição nesse aspecto. E que pode envolver também relações com o que é vivo e com o que está morto, com seres humanos e não humanos.

É necessária argila para fazer a cerâmica e para ter argila é preciso terra. Terra limpa para ser tocada pelas mãos, alisada, amassada, transformada em utensílios que depois vão servir para preparar o alimento, para os cachimbos, para brincar. A cerâmica indígena não existe sem estar vinculada a cosmologias específicas, à mata, à água, ao solo, ao pisar e ao dançar; ela é terra. Em nosso país, a terra é muita, mas para poucos. Ela sempre foi dos índios, mas agora não mais para eles. O que nos leva a indagar como reconhecemos o direito que os povos originários têm de ocupar e de habitar seus territórios de vida. O material que aqui apresentamos é uma

preciosa oportunidade de nos aproximarmos destas questões por meio da argila que os mbyas modelam e recriar de modo vivencial, esse encontro com a terra através da atividade cerâmica. O material se constitui de 5 vídeos educacionais, 1 site (<http://www.ufrgs.br/campoearte>), 1 peça original cerâmica e o presente livrinho, guardados dentro de uma caixa serigrafada com grafismos mbyas. Tais materiais demonstram como esse fazer persiste, mas também como é reinventado e atualizado a partir de dinâmicas socioambientais contemporâneas. O objetivo principal é fornecer subsídios para o estudo do assunto em escolas indígenas e não indígenas e salvaguardar os valiosos saberes envolvidos nessa prática cerâmica.

Usamos as palavras salvar e guardar no sentido de proteger um saber. Se algo precisa ser protegido é porque está em perigo. Salvar e guardar um saber não em uma prática de arquivo ou de memória morta, em um passado despotencializado, des-historicizado, pré-histórico, museístico. Mas salvar e guardar como a tradição mbya tem ensinado: pelo fazer, pelo praticar, pelo reincorporar cotidiano de uma tradição. E isso só ocorre se seus produtores e transmissores mantiverem esses saberes circulando de um modo vivencial, a partir da condição de bem-estar pessoal dos grupos que o geram. Tais saberes só existem se seus produtores tiverem vitalidade e estiverem umbilicalmente ligados aos seus territórios em um sentido amplo, em um tekuo'á.





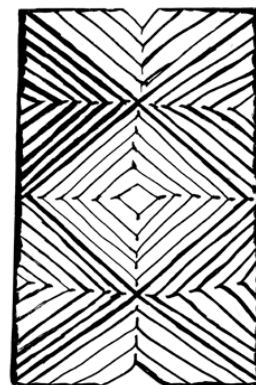
Caro/a professor/professora,
você está recebendo esta caixinha
que contém um ninho de palha.
No ninho moram este livrinho,
um DVD e uma tradicional
peça cerâmica mbya-guarani.

Este livro contém algumas sugestões que
poderão servir de inspiração para o
desenvolvimento de suas aulas. No DVD
que acompanha este material impresso você
encontrará quatro vídeos que abordam
diferentes aspectos da cerâmica mbya-guarani
produzida na aldeia Flor do Campo, em Barra
do Ribeiro, RS. Também há um quinto vídeo,
com duração de 45 minutos, o qual apresenta
o mesmo material de forma contínua.

A caixa foi serigrafada a partir de um belo
grafismo feito por Daniel Acosta, membro da
aldeia mbya-guarani do Cantagalo, em Porto
Alegre. Dentro dela há uma peça de cerâmica
produzida pela ceramista Kerexu Jera Poty, a
grande protagonista de nossa história. Tal peça
é um pequeno tesouro que deve ser passado
de mão em mão, com cuidado, para que todos
apreciem seu formato, peso, textura, cor, odor
e temperatura.

Antes de iniciar a projeção dos vídeos para os alunos, sugerimos que a sala de aula tenha seu mobiliário organizado de modo a que todos possam sentar no chão, formando um círculo para que seja facilitada a conversa em grupo. A sala assim organizada favorece a experiência das conversas em roda, estrutura encontrada em muitas aldeias brasileiras na qual seus moradores sentam no chão, em círculo, e trocam saberes, afetos e informações sobre a comunidade, seus habitantes e o entorno. O ritmo lento, a audição aguçada, a percepção do ambiente (além das nossas próprias vozes) também integram as tradições ancestrais dessas culturas indígenas que se sentam frequentemente em roda para conversar.

A seguir indicamos algumas possibilidades de utilização deste material em sala de aula.





Sugestão aula 1:

Vídeo 1 [duração: 4:30]

A ALDEIA FLOR DO CAMPO

Após assistirem ao primeiro vídeo, sugere-se que os alunos sejam instigados a conversar sobre o que viram e sobre o que conhecem a respeito da cultura indígena brasileira.

Depois, podem ser provocados a pensar sobre como é o território no qual está situada a escola na qual estudam e como ele difere ou se aproxima do que foi visto no vídeo.

Atividade importante pode ser desenhar individual ou coletivamente a escola vista de cima, como se estivessem em um avião, num cesto de um balão ou mesmo em um drone. Perguntas que podem ajudar a nortear os desenhos: “O que se situa à esquerda da escola, à direita e em frente dela? A escola tem muros? Quem são seus vizinhos? E em relação a um espaço mais amplo, o que fica perto e o que fica longe da escola? Ela está localizada na cidade ou na zona rural?” Se as observações das crianças concentrarem-se em estruturas urbanas como estradas, pontes, casas, hospitais, mercados, não deixe de mencionar os marcos naturais dessas paisagens urbanas. Pergunte sobre o rio, a grande árvore da esquina, os jardins da praça pública, um rochedo, um terreno com erosão. É importante lembrar que os recursos naturais facilitam a nossa orientação e os nossos deslocamentos, da mesma maneira que as estruturas urbanas das cidades.



Sugestão aula 2:

Vídeos 2 [8:46] e 3 [11:13]

PREPARAÇÃO E MODELAGEM DO BARRO

Após assistirem aos vídeos, conversar sobre a coleta da argila, perguntando, por exemplo, se qualquer terra é argila, se alguém já fez alguma modelagem com argila e onde ela pode ser encontrada.

Esse momento poderá ser oportuno também para que seja desenvolvida uma atividade fora da sala de aula, no pátio da escola, por exemplo. Caso a escola tenha pátio ou canteiros, os alunos poderão coletar um pouco de terra e umedecê-la para tentar modelar algo com a terra do pátio. Quem sabe há argila no pátio da escola... Se as peças não racharem durante a secagem é um indício de que o solo tem características argilosas, propício então à modelagem. Esta descoberta poderá ser explorada pelo professor, estimulando os alunos a levarem a argila da escola e produzirem objetos para a próxima aula. Caso a escola não disponha de nenhuma área com terra, o professor deverá fornecer argila pronta para a modelagem das peças. Com os alunos sentados em círculo, o professor distribui um pedaço de argila para que cada um modele uma pequena peça.

É importante reservar um intervalo de, no mínimo, 20 minutos para a modelagem. Antes de iniciar a modelagem, faça a peça cerâmica, contida na caixa, circular de mão em mão, mais uma vez. Pergunte se as crianças sabem o que é a peça?

Não deixe de destacar todas as características dos materiais com os quais vamos trabalhar: a argila e a água. Mencione a mudança de estado da argila após receber a água, destaque a maleabilidade da argila e como é possível criar distintas formas a partir dela. Crie situações de diferentes experiências para a manipulação da argila, tais como: o que acontece com ela quando ela é apertada muito forte? E se trabalharmos com ela bem suave? E se fizermos um buraco com o dedo? E se colocarmos muita água? Destaque todas essas situações. Pergunte se eles repararam que Kerexu antes de modelar a argila transformou a terra e a água em uma pequena bola? Por que ela fez isso?

Pronto, agora a modelagem pode começar. Lembre-se que o mais importante é dar liberdade de invenção, sem temas específicos, permitindo que as crianças decidam o que fazer a partir do que vêem, imaginam, brincam, sonham. Cada criança trabalha em seu próprio tempo, as crianças mais rápidas podem fazer mais peças.



Sugestão aula 3:

Vídeo 4 [22:46]

QUEIMA E PINTURA DAS PEÇAS

Após assistirem ao vídeo 4, o professor poderá abordar alguns aspectos sobre a queima da cerâmica mbya-guarani: em fogueira e em forninho de barro. Talvez uma boa pergunta inicial seria se os alunos imaginam como foi construído o forno de Kerexu?

No vídeo aparece Kerexu colocando as peças secas dentro do forno, acendendo o fogo e fechando a porta do forninho (que em mbya-guarani se chama “tatakua”). O tatakua de Kerexu foi construído com uma mistura de argila, esterco de vaca, palha, água e açúcar. Essa massa permitiu a modelagem do tatakua em forma de iglu. No topo do forninho foi colocada uma lata para servir de chaminé para que o calor do fogo pudesse circular por todo o espaço interno, tendo uma saída de ar. Por que foi misturado esterco de vaca e açúcar à argila? O esterco de vaca é celulose retirada dos alimentos que a vaca ingeriu (o pasto). O pasto foi mastigado pelo animal muitas vezes e trabalhado por bactérias e outros micro-organismos que vivem no trato digestivo dos herbívoros. Isso faz com que o esterco se torne uma fonte de calor (energia), sendo um ótimo combustível. Muitos povos usaram e seguem usando o esterco como fonte de calor para fazer fogueiras para se aquecer ou cozinhar alimentos, por exemplo. E quando o esterco é misturado ao açúcar forma-se uma espécie de cola que dá resistência ao forninho na hora da queima, evitando que ele rache. Há muita ciência, tecnologia e saberes ancestrais na construção do tatakua!

No vídeo 4 vemos também a queima realizada em fogueira aberta. Perguntar se os alunos sabem qual é a peça que está sendo queimada na fogueira. Resposta: petenguá. Os petenguás são cachimbos usados para fumar tabaco preto, plantado ou comprado em rolo e estão relacionados às práticas religiosas e espirituais, mas também ao uso cotidiano. Eles são compartilhados da mesma maneira que a cuia de mate, seu uso também está diretamente associado ao fogo e a fogueira, e são fundamentais nos rituais de cura.

Após a queima ou a secagem das peças modeladas pelos alunos – lembrando que o tempo ideal de secagem das peças modeladas é de pelo menos 24 horas. Chega então o momento da atividade final: a pintura das peças. As crianças podem pintar com guache ou qualquer outra tinta atóxica. Perguntar para elas se sabem o que Kerexu estava recolhendo logo após seu banho no rio. Não era argila, certo? O que era? Era um tipo de óxido, um corante mineral que tingem a terra. Material natural propício à pintura de peças cerâmicas.



DESPEDIDA

Temos certeza de que o material contido nesta caixinha poderá despertar a curiosidade e o amor por universos muitas vezes desconhecidos, ainda que próximos de cada um de nós ao fazerem parte da cultura originária brasileira. Desejamos a todos um lindo trabalho, com muita criatividade, e também de cuidado e respeito com a terra que é a nossa morada e a nossa mãe.

Amar e cuidar da terra é uma das dádivas que foi dada aos seres que a habitam. Kerexu e seu povo sabem muito bem disso e convidam a nos juntarmos a eles por meio da criação com a argila. Somos todos muito bem-vindos nessa caminhada tendo a cerâmica como companheira!

Divirta-se com as infinitas possibilidades que se abrem ao descobrir os tesouros desta preciosa caixinha que agora está em suas mãos!



Carola nhombo'e va'e, ndeema rejopy mba'e'i
ryru raity jai guigua.

Haity py ma hoo kova'e kuaixia'i,

Peteĩ DVD mba'emo Mbya nhae'ũ guigua.

Nhande Kuaxia pyma oĩ amongue nhenhandu
nhepytyvõ va'erã nhembo'eapy. DVD omoirũ,

koo kuaixia va'e py rejou rã irundy vídeo

ijayu va'e joo rami he'ỹ mba'eix rei pa mbya

hete'i nhae'ũ ojapo va'ekue Tekoa Flor do

Campo, Barra do Ribeiro, RS. Oĩ ju

haviamboae opa'i va'e vídeo, opa va'e 45

minutos py, ha'ekue Joapy kue juae. Mba'e

ryru'i py ma oĩ peteĩ tembiapo nhae'ũ

guiguare ojapo va'ekue Kerexu Jera Poty,

ojekuaa kova'e nhande kaxo py, ha'e va'e

tembiapo matakate'ỹa'i oaxa va'erã peteĩ teĩ

po rupi onhatendereue ha'ejavive oexa haguã

mba'eixagua ra'ãgatu, ipoyia, mba'eixa reitu

tuixa, ijegua, heãkuã haègui haku

pa he'ỹvy yrayxã.

Vídeo onhepyrũ he'ỹ re onhembo'e va'e
kuerype, oguy onhembo'ea oĩ porã ba
ha'ejavive oguapy haguã yvy py, ojere
okuapyhaguã ha'everei ijayu katu haguã pauẽ.
Oguy oĩ poã ba ramo py ha'eveve ju ijayu
katu okuapy haguã, ha'ejavive tekoa brasileira
rupi ojou va'ema ha'erami hae hoo va'e kuery
oguary yvypy, ojere, ha'egui omombe'u oikuaa
jorire, mhonboxya ha'egui tekoa regua. Ikuai
va'ekuery ha'egui ijyvy'iry gua. Mbeguerei,
ojapyxaka hete, oikuaapota hete (nhande ayu
hae guiju) ymã xamõi, xaryi kuery reko rupi
vypy mbya kuery oguapy ijayu hapy.



Peteĩ nhenhandu nhembo'e:

Peteĩ vídeo [ogueraa:4:30]

TEKOA FLOR DO CAMPO

Pexa rire peteĩ vídeo ha'erirema,
ha'evereinamba'e mby'a tu oguereko yvy
regua escola oĩ onhembo'eaty ha'egui
mba'exaguapy tu Joo rami he'ỹ Terã Joo rami
rai'i oexa va'ekue vídeo pyguareve. Mba'euo
iporã ra'e ojejapo va'ema ha'eve ta'ãga ojpaõ
ha'e hanho'ĩ he'ỹ vy Joupivepa escola yavte
gui ojekuaa va'e ra'ãga aviãõ py mevami ikuai
haguã, ajaka balãõ revegua he'ỹ vy drone py
naerami haguã. Nheporandu oi py tyvõ

va'erã ta'ãga ojapo ra'epe: "Mba'etu
escola ykere, hovaire ha'egui henonde py oĩ.º
Escola nha'ã ikora va'e.º Mova'e kuery tu
ijyvy'iry hoo.º Ha'egui mba'exa reitu tuixa,
mba'exaguatu m'ombyry Escola gui oĩ.º ha'e
nha'ã tetã re terã ka'aguy rei hapy.º" Kyringue
oma'ẽ ha'e gui oikuaapota Jurua rembiapo re
tape, pontes, oo, hospitais, mercados,
nderexarai heme mbaexa reitu ojekuaa ha'e
va'e tetã. Eporandu yy reguare, yuyra Ja'ea
ikuai va'ere, yvoty ikuai ha ha'ejavive ikuaity
py, ita ikuai yvy Ombopororo hague, ha'everei
porã nhanema'endu'a ka'aguy iporã va'e daxyi
veju ha'eve vyãkaty nanhandepy'ai haguã ha'e
gui Javaaregua, Jurua kuery
rembiapo rami havi.



Nhenhandu nhembo'e mokoĩ:

Mokoĩa vídeo [8:46] ha'egui moapy [11:13]
NHAË`Û OMOÃTYRÕ HA`EGUI OMOXË

Oexarire vídeo, pendeayu nhae'ũ nhenono'õ.
Peporandu reve, nha'ã peteĩ va'e regua viue
nha'e'ũ, anongue va'e nha'ã omo'ãga na'nha'ã
nhae'ũ gui ha'egui mamotu ha'e ojejou ra'ã.
Ha'erami Jave ma oĩ porã rei havi ojejapo
haguã mba'emo oguy onhembo'e aty py
he'ỹ, Escola vocapy, Ja'e arami. Xapy'arei
escola ogueveko oka he'ỹvy iyyke, onhembo'e
ha'everei omono'õ'ĩ haguã yvy ha'egui
omoakỹ omoxë nha'ã haguã yvy oka
pygua reve.

Oĩ ri nha'ẽ nhae'eũ escola rokapy...
Ta'ãga ndojekai ipiru apy ramo nhse'ũ oĩ rã,
ojejapo va'erã ha'eve ra'ã. Ha'e ojejou va'e
ma nhembo'ea kuery oexa va'erã, omokyre'ỹ
onhembo'e jave. Xapy'arei escola py
ndoguerekoi yvy oĩa raoma, nhombo'e va'e
ome'ẽ ra'ã nhae'ũ omopotĩ ba voi va'ekue
ojapo va'erã mba'emo ra'ãga. Onhembo'e va'e
kuery oguapy ojere okuapy reve nhombo'e
va'e ome'ẽ ne'ẽ ra'ã kyvi'ĩ nhae'ũ peteĩ teĩ po
ojapo haguã ta'ãga'i. Ha'eve havi omoĩ porã
ombopyty'u 20 minutos peve ojapo haguã.
Mba'emo ojapo he'ỹ re, tojejapo ta'ãga nhae'ũ
mba'eryra'i py oĩ va'e, ojere pavẽ po rupi.

Peporandu kyringue pe uba'exagua ra'ãgatu
ha'e va'e.°Eja heme rexauka porã haguã
mba'eixareitu ojeporu va'e rã ojapo hapy:
nhae'ũ ha'egui yy, Mba'exatu nhae'ũ yy re
oje'a rire, exauks havi hatã va'e'ỹ nhae'ũa
ha'egui ha'evea Joegua he'ỹ he`ỹ ta'ãga Jajapo
haguã ha'eva'egui ejapo Jooegua he'ỹ he'ỹ
veikuaa va'e nhae'ũ: Mba'e tu oiko oubiriratã
vano? Havy nhambokua vamo nhanekuã py?
Havy nhanoĩ vaxa vamo yy?

Exanka koova'e ha'ejavive oiko va'e.

Eporandu ha'e kuery nha'ẽ oexakuaa ra'e
Kerexu ono'ãga he'ỹ re nhae'ũ onoxẽ ranhe
yy ha'e gui yy ojerei vamo.º mba'eretu ojapo
ha'ekauí?

Ãkatu, agỹ mã ha'evema ta'ãga omonhepyrũ
haguã. Nema'endu'a ha'eveva'ema ojejapo xe
arami, peteĩ regua he'ỹ, eja kyringue ha'ekuery
hae tojapo oexa va'ekuegui, oixa'ã arupi,
onhevãga arupi oexa regua rei arupi.

Peteĩ teĩ kyringue ojapo rã ha'evere, ijeupe
Jave, kyringue ipy ha'e ve va'ema ha'eve havi
ojapo reta ve haguã ta'ãga.



Nhenhandu Mboapya:

Irundua vídeo [22:46]

TA'ÃGA OEXY HA'EGUI OMBOJEGUAA

Irundy a vídeo pexa vive, nhambo'e va'e
i'jayura'ã mbya kuery nhae'ũ oapy are:
tatapy py he'ỹ vy tatauapy.

Onhepyrũ porã rei haguã ma ha'everei
peporandu mba'eixaveitu onhembo'e
va'ekuery oĩ xa'ã ramo ojejpo vaka'e
Kerexu rembiapo? Vídeo pyma ojekuaa
Kerexu omboyru rojapo va'ekue ipiru va'e
tatakuapy, omoendy tata ha'egui omboty
tatakua vokẽ nhae'ũ guigua (Mbya pyma
onhenoi "tatakua"). Tatakuaa Kerexu ojapo
omboje'a nhae'ũ re, vaca repotire,
Jairogue re, yy ha'e gui açucar rave. Ha'e
va'e ma ha'eve ojejapo haguã tatakua yvy
py oĩ va'erã iglu rami. Ijapy'i pyma omoĩ
lata tatakua, hataxĩ oẽ haguã havi. Mba'ereu
omboje'a vaka repoxi iporã ha'eteĩ hambi'u
ryru py ha'evevei veju oipytyvõ haguã tatape.
Ha'e javive pavẽ rei mbya kuery oiporu raka'e
ha'egui oiporu tevoi tepoxi tata ojapo haguã
ojape'e haguã he'ỹ vy onbojy haguã teubi'u.
Ha'egui tepoxi omboje'a açucar reve ramo py
oxẽ vy ijyrei va'e vypy iporã reju tatakua py
oexy rani, ha'evypy ndojekai.
Oĩ reta ha'epy, oikuaapota inharandu raka'e
ymã, guare kuery tatakua ojapoapy!

Vídeo irundy apy jaexa havi oexy tatapy py rive. Peporandu havi onhembo'e va'e kuery pe oikuaa nha'ẽ mba'exagua ra'ãga tu oexy tatapy. Resposta: petyngua ma oiporu opita haguã petyũpy, onhotỹ va'ekue he'ỹvy ojogue va'ekue petỹ jere, ha'e va'e ma ojeporu oikuaa potai hapy ha'egui ikuai rine hapy. Ka'y gua rami havi hae ome'ẽ me'ẽ ha'e javive pe, ojeporu ma jopive havi tatareve ojeporu, ha'egui iporã hai nhemoguera jave.

Oexy he'ỹ vy omombiru pa rire ta'ãga ojaopopa va'ekua onhembo'e va'ekuery-Nema'endu'a havi ipiru porã haguã ta'ãga. Kyringue ha'eve ombojegua he'ỹ vy amboae tinta atóxica. Peporandu ha'e kuery pe oikuaa nha'e mba'etu Kerexu omono'õ ra'e ojau vy oo vive yaguapy. Nhae'ũ he'ỹ nha'ẽ ra'e, nha'e? Mba'eixaguatu ra'e?

Ombojegua haguã ramigua haetu, yvy reve omboje'a va'erã. Ta'ãga pe ombojegua haguã porã ra'e regua.



OPAÌ VA'E

Roikuaa porã mba'ery rupy oĩ va'e
ha'ejaviverei oikuaaxe rã ha'egui
ndajaikuapai teria, peteĩ teĩ oikuaapota verã
brasileiro hetereko. Roikotevẽ ha'ejavive
ojapo-pora'ĩ ojapo va'e, peikuaaveri ve,
ha'egui penhateude ha'egui pemboete havi
yy reve nhande xy py ha'e.

Nhanhatende yvy re ma iporã va'e ome'ẽ
va'ekue yvy py ikuai va'epe. Kerexu ha'egui
retarã kuery ma oikuaa porã ha'eva'e ha'egui
oipota ha'ekuery reve jaje'a jajapo hapy: rive.
Nhande kuery pavẽ ha'eve ha'eva'e jeguata
rupi jaa nhae'ũ nhamepytyvõ va'e rã reve.
Evy'a jajourã takate'ỹa kova'e mba'eryru'i
va'e agỹ ndepopy onheme'ẽ ramo.

Este livro foi impresso na gráfica da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Porto Alegre, agosto de 2018.

ISBN 978-85-66748-14-7

AGRADECIMENTOS

Cacique Sergio Martim
Germano de Oliveira
Helena Kanaan
Júlia Moreira
Luísa Prestes
Marco Fronckowiak
e à toda terra indígena Flor do Campo

FICHA TÉCNICA

Realização

Campo e Arte

Cerâmica M'bya Guarani na Tekoá Nhu'ú Poty

Coordenação geral

Claudia Zanatta

Concepção do livro

Claudia Zanatta, Denis Rodriguez, Leonardo Remor

Textos

Claudia Zanatta, Denis Rodriguez, Leonardo Remor

Projeto gráfico

Leonardo Remor

Tradução mbyá-guarani e ilustrações

Daniel Acosta

Fotografias

Vicente Carcuchinski

Assistência de produção

Luísa Prestes

Serigrafia da caixa

Cerise Gomes, Luísa Prestes

FICHA TÉCNICA DO FILME

Protagonistas

Antônia Garai - Kerexu Jera Poty

Maria Palácio Gonçalves - Kerexu

Zulma Garai - Kerexu

Mariana Benites - Kerexu Mirim

Iori Garai - Karai criança

Direção e fotografia

Denis Rodriguez e Leonardo Remor

Argumento e produção executiva

Claudia Zanatta

Roteiro

Claudia Zanatta, Denis Rodriguez, Leonardo Remor

Imagens aéreas

Rodrigo Pannacci

Montagem e edição de som

Leonardo Remor

Correção de cor, fotografia still e créditos

Vicente Carcuchinski

REALIZAÇÃO



FINANCIAMENTO





Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-66748-14-7

